



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fóra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,--Barcellos

REPISANDO



ós bem sabemos que scmes essa voz que clama no deserto, bem longe d'aquelles a quem procuramos dirigir-a para mostrar o que sinceramente pensamos a ver se conseguimos um pouco mais de attenção para as cousas legitimamente nossas, nossas, da nossa terra — para as cousas que a todos nós interessam.

Mas continue embora o nosso pregão o ser abafado pela indifferença, — e por essa coisa peor ainda que todas as iniciativas destroe — que nós nos manteremos altivos, conscios do nosso dever cumprindo, a proclamar os altos interesses locais e a chamar para elles a attenção dos que podiam, com certeza de exito, dedicar-se ao levantamento progressivo de Barcellos.

A este nosso *introito* responderão, por certo, aquelles a quem mais directamente visamos: — *Para se fazer obras é preciso dinbeiro; os cofres municipaes estão exhaustos; baja dinbeiro que tambem haverá melberaments.*

E' isto na verdade um facto que não contestamos; e por ser um facto, é que urge trabalhar para que tal facto deixe de existir.

Já aqui se fallou em baldios municipaes e se apresentou a ideia, já repetida, de elles se aproveitarem como uma das mais abundantes fontes de receita municipal.

A quem pessoalmente fallamos no assumpto, disse-nos que era difficil fazer-se a venda ou aforamento dos baldios, pelo facto de se temer um movimento de protesto por parte dos povos das freguezias onde taes baldios existem. Ha tambem aqui alguma razão, porque . . . a politica

está acima dos legitimos interesses do concelho.

Mas concluamos o nosso pensamento, porque estes artigos não podem ser longos, visto o leitor não gostar de massadorias.

Ha dias estivemos n'uma freguezia e, no regresso, um amigo nosso, a quem fallamos em baldios, disse que o povo d'essa freguezia pensava em pedir á Camara para que os baldios ahi existentes fossem aforados por preço que se convenionasse e divididos amigavelmente e em partes eguaes pelos habitantes d'essa freguezia, que pagariam por sua vez, á Camara, a importancia que lhes tocasse.

Ora aqui está uma solução facil, a nosso ver, do problema que tantas bichas de sete cabeças tem mostrado.

Assim se evitam *revoltas* e descontentamentos. Pense a nossa vereação e estude o assumpto, que estamos certos de que d'este modo, sem ferir ninguém, se pôde resolver tão importante assumpto, arranjando-se para a camara, uma importante receita, de que tanto ella precisa.

Por sua vez, a Camara procuraria conseguir que, na proxima sessão legislativa, uma lei se votasse auctorisando-a a aforar ou vender assim os milhares de hectares de terreno que se espalha por todo o concelho, sem ser cultivado, e que só tem servido de pasto ás cabras e ás ovelhas.

E assim, enriquecer-se-hia o povo concelhio, pois d'este modo, todos, ainda os mais pobres, teriam terreno para fazerem uma casita e para, ao menos, ali cultivarem um pedaço de terra que seria sua e que lhes daria, pelo menos, hortaliças para seus gastos.

Pense-se n'esta solução do problema, com que, a nosso ver, acertou o povo de uma afastada freguezia d'este concelho, — que é Fragoso.

Coisas velhas

IX

Ao «Imparcial» que, como disse, deu o seu primeiro numero em o dia 24 de julho de 1867, segue-se a «Aurora do Cavado» que deu o primeiro numero da primeira serie em o dia 16 de agosto de 1867.

Fallando-se da «Aurora do Cavado» não se deviam encimar a estes escriptos com a epigraphe de—«Coisas velhas»—mas antes—coisas novas—; pois quem ha ahí em Barcellos, que não lêsse, e que não conhecesse a «Aurora do Cavado»? Só as creanças até 14 annos se não recordarão de um dos melhores jornaes, que se tem publicado em Barcellos, e que acabou apenas ha oito annos.

Suspendendo «O Jornal do Povo» a sua publicação, o Rodrigo Velloso, que como já disse, tinha uma typographia sua, creou o jornal politico, noticioso e bibliographico a «Aurora do Cavado». A mesma gente que estava na redacção «O Jornal do Povo» acompanhou o Dr. Rodrigo em o seu novo jornal.

A «Aurora do Cavado» deve o seu baptismo ao Manuel Queixadas, creado, que era, do Rodrigo Velloso, e que principiou de publicar na typographia do amo um jornalsinho litterario com aquelle nome; não me recordo agora do tempo, que tinha de existencia o pequenito jornal do Queixadas, quando o Rodrigo lhe aproveitou o titulo para o seu novo jornal.

Não conservo numero algum da «Aurora» do Manoel Queixadas; tenho apenas um soneto feito por elle por occasião da morte do meu inolvidavel amigo, e saudoso mestre, Joaquim José Alves, director da philarmonica barcellense, e que foi publicado em «O Jornal do Povo» de 8 de julho de 1866.

E' provavel, que, por este tempo, o Manuel Queixadas ainda não tivesse a sua «Aurora do Cavado».

Reedito aqui o soneto do bom, e sempre lembrado, Manuel Queixadas:

«A' memoria do insigne mestre de musica Joaquim José Alves, fundador da philarmonica barcellense e iniciador da muito concorrida romaria annual da Franqueira.

Soneto

«Alma gentil que para o Ceu voaste,
«Cheia de gloria; e por mais deixares
«Eis-te a patria construindo altares,
«Das mesmas bellezas, que tu lhe legaste.

«As flores viçosas, que cultivas-te
«São ellas victorias p'ra te eternizares;
«Colhidas por ti para a campa adornares
«Terão sempre o briho, que tu lhe deixaste.

«Mas se o tempo as murchar com a idade
«A tua memoria eterna ha-de ser.
«E com ella a mais viva saudade:

«Ha-de sempre este pranto correr
«Em tributo de pura amisade,
«A quem o mundo não pôde esquecer.

Barcellos, 7 de julho 1866.

QUEIXADAS.

Ora isto é, que pôde ter o nome de—coisas velhas—, e que, ao relembra-las, me produzem as mais fundas saudades, pelo autor do soneto, que não sei, o que seja feito d'elle, e pelo inolvidavel e querido amigo, a quem foi dedicado.

Na «Aurora do Cavado» collaboraram differentes cavalheiros, amigos do Rodrigo Velloso, como—Anaral Ribeiro, Domingos Figueiredo, P.^e Antonio Lima e outros.

Nos seus ultimos annos a «Aurora do Cavado» pouco se occupava com a politica; era um jornal litterario e bibliographico feito pelo Rodrigo Velloso com as competencias, que todos lhe reconhecem.

Terminou em 1901, com a ida do Dr. Velloso para Lisboa, d'onde chegou a mandar os ultimos numeros da «Aurora do Cavado» que teve nome em todo o paiz, mormente pelas suas interessantissimas secções bibliographicas devidas á penna do Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso.

Apoz a «Aurora do Cavado» publicou-se o «Registo bibliographico e phisologico» que appareceu em Fevereiro de 1868.

Esta publicação teve uma vida ephemera; nem a cheguei a conhecer, que me lembre; nem d'ella me ficou a mais passageira recordação.

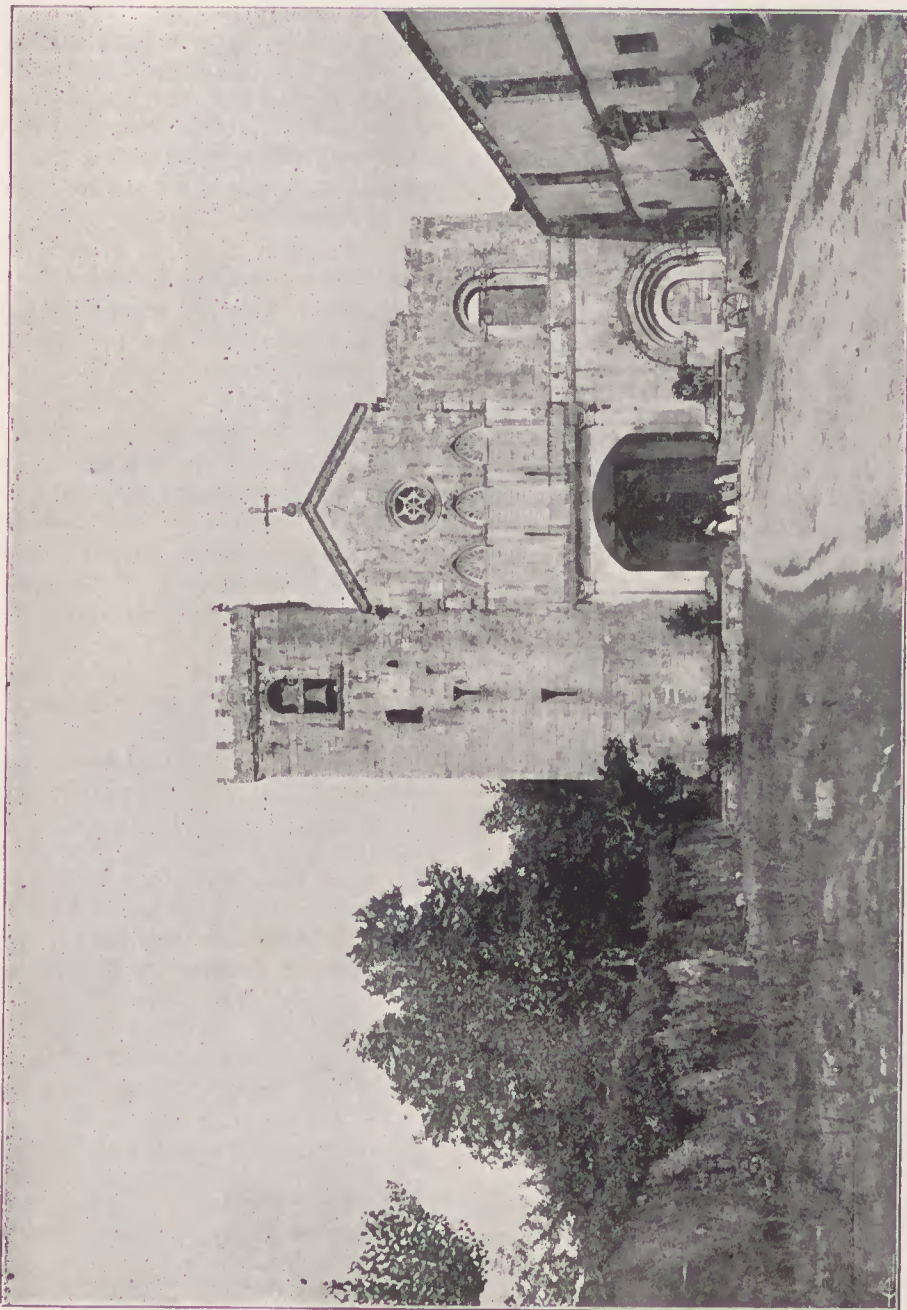
Se alguém se acha lesado, por este meu olvido, que se accuse.

Alvito, 24—X I—09.

A. PAES.

BARCELLOS

VILLAR DE FRADES



Convento de S. Salvador de Villar

Cliché de Francisco Soucasaux

Simili-gravura de Marques Abreu

CARTAS Á MINHA VIZINHA

V

Uma verdade banal. — Os nossos collegios educam Vestaes, para viver n'um planeta imaginario. — Não preparam futuras mães e futuras donas de casa. — Os filhos — A puericultura e a mortalidade infantil. — O maire de Villiers-le-Due — O que a mãe deve saber. — Como os collegios podiam e deviam educar. — As crêches infantie, como apprendizados das educandas. — O seu valor educativo, o seu effeito moralizador. — Consequencias de um falso pudor e de uma candida ignorancia. — O escandalo de fallar a futuras mães, nos seus futuros filhor.

Educar é preparar para viver, é adextrar para a vida.

Creio, adoravel vizinha, que esta affirmacão é de uma tão limpida verdade que já se pode considerar um logar commum.

E todavia ella é candidamente ignorada, no collegio, onde a vizinha recebeu a sua *educação completa*, como o é de quasi todos, ia a dizer de todos os nossos collegios de meninas, como o é de quasi todos os nossos educadores.

E se não veja. — A educação que recebeu, que recebem a maioria das creaturinhas encantadoras do seu sexo, presuppõe :

Primeiro: que a vizinha será sempre uma castíssima, uma feroz Vestal, votada a um terrivel celibato, a quem o homem apparecesse quasi como um inimigo de quem estivesse eternamente separada.

Segundo: que a vizinha viveria n'um delicioso Olympo onde a vida é tocar, pintar, fazer bordados, cantar e fallar duas ou tres linguas.

No entanto, desastrado desconchavo ! a vizinha vae viver na *terra* e tem a legitima aspiração de casar, o desejo occulto e santissimo de ser mãe, de fazer a felicidade e o orgulho de um lar, cuja economia interna vae dirigir e encher de graça e de belleza.

Mas as suas boas professoras pensaram lá alguma vez, n'estes secundarios assumptos ! Sonharam algum dia, que a vizinha viria a ser uma dona de casa, que teria filhos !

Filhos !! Deus nos livre de fallar em tal a meninas educandas de um collegio.

E' todo um pudor artificioso, absurdo,

monstruosamente anti-natural que se revoltaria, no candido espirito das suas mestras.

Por isso a vizinha será mãe, arrojará para o mundo uma pobre creaturinha, e para a cuidar, para a alimentar, para a vestir, para a educar, terá apenas no cerebro a meia duzia de velhos e rotineiros conhecimentos, metade verdades, metade grosseiros erros e superstições, que a sua mãe, as suas amigas e o seu instincto lhe vão ensinando, ao acaso.

E, no entanto, a cultura da creança exige sabios e minuciosos cuidados, hoje subordinados a preceitos scientificos que só se pôdem adquirir, com um estudo previo e com uma educação propria, que os ensine a pôr em pratica.

Está hoje provado que, quando se observam as normas da hygiene no tratamento, principalmente na amamentação das creanças, a mortalidade infantil é de 75 por mil; ao passo que, despresadas essas normas a mortalidade pode subir a 750 por mil, tornando-se d'este modo 10 vezes maior !

Um medico francez, maire de uma pequena communa da Côte-d'Or, Morel de Villiers, dedicou, durante a sua administração municipal, um devotadissimo zelo, á cultura das creanças : vulgarisou esses conhecimentos necessarios para ella se fazer racional e hygienicamente e fiscalizou com rigor a sua applicação. Toda a mulher que alimentasse o filho artificialmente era obrigada a adquirir um esterilizador do leite e obedecer ás prescripções da Camara sobre o seu emprego e esterilisação. Logo que a municipalidade o ordenasse tinha de lhe apresentar o esterelizador e os biberons. As creanças, sustentadas por amas, eram pesadas todos os 15 dias e quando qualquer dellas adoecesse a pessoa, a cujo cuidado estivesse, era obrigada a participa-lo em 24 horas á Camara. As pobres tinham esterilizadores a preços muito reduzidos e até cedidos gratuitamente.

Toda a parturiente, assistida pela Communa, tinha direito a vencer um franco por dia, nos primeiros dez dias, depois do parto, se ficasse na cama.

Morel de Villieres espalhava, alem d'isso,

Mons parturiens

(INEDITO)

*Debruçada á janella, pensativa,
olhos volvendo á rua, impaciente,
peito a queimar-se em chamma rubra, ardente,
estava aguardando o amor do amor captiva,*

*a linda morenita, alegre e viva;
subito foge e solta rijamente
um grito aterrador, brusco, imprudente,
e cae por terra, inerte, a meiga diva.*

*Corre a familia ao baque sonoro,
colhe-a nos braços o pae, pallido, ancioso,
desata a mãe em pranto suffocado*

*Quem deu causa a esta scena dolorida?
Uma ignorada mosca, que, atrevida,
se lhe fôra pousar sobre o toucado.*

S.

instrucções, destinadas a vulgarisar entre o povo, por uma forma muito clara e accessivel, os preceitos da hygiene, sobre o *tratamento das creanças*, nos primeiros tempos, *sobre a maneira de as lavar*, *sobre o melhor berço* etc.

E o resultado d'esta sabia e dedicada propaganda foi, no dizer do Dr. Hericourt (L'Hygiene Moderne) que, ha dez annos para cá, não morreu creança alguma em Villiers-le-Duc, de 34 que foram cuidadas e todas ficaram vigorosas e saudaveis, emquanto que anteriormente, morriam, na pequena communa, 15 a 30.º% das creanças (até um anno) que nasciam.

A mãe que quer ser conscienciosa e ter uma dedicacão verdadeiramente intelligente pelo filho, não deve hoje ignorar todos esses preceitos scientificos que constituem a salvaguarda da saude e até da vida, do pequenino ser por que Ella tem de velar.

Tudo deve ser vigiado, escrupulosamente escolhido, sabiamente methodisado: o regimen da alimentacão da creança, as horas em que se deve amamentar, a composicão do leite, a transiçao para um outro regimen alimentar; o berço, a posicão que n'elle deve ter a creança, a materia de que deve ser feito o colção e almofadas em que ella repousa; o seu vestuario, os seus banhos, os seus passeios, os seus brinquedos, os cuidados immediatos com as suas doencas, os seus primeiros passos, a disciplina da sua apprendisagem da falla, etc.

Estes conhecimentos, afora alguns mais intimos que só as mães, mais tarde podem e sabem delicadamente ministrar, deviam ser desde logo adquiridos nos collegios, porque só ali poderiam ser ensinados, com a disciplina scientifica e o caracter pratico que os devem penetrar.

Nao seria altamente educativo que, cada

um d'esses grandes collegios *chics*, para onde a burguezia rica manda descuidadamente as suas filhas, tivesse annexa uma pequena crèche, onde as educandas aprenderiam praticamente a cuidar das creanças?

E essa crèche, recolhendo os filhos dos pobres, não cultivaria tambem no coração das pequenas mães, melhor que todos os sermões de moral esse delicado sentimento de bondade, de carinho, de caridade para os miseraveis, e para os desprotegidos que deve existir em todas as almas bem formadas?

Não as obrigaria a pensar um pouco, em coisas mais serias que a moda de um vestido ou as plumas de um chapéu?

Não faria até com que algumas olhassem com desdem, para esse luxo insensato, louco, criminoso mesmo, que parece um insulto á negra miseria do povo, lançado descuidosamente, pelas grandes damas do alto do seu egoismo e da sua vaidade?

Vizinha: as suas educadoras (?) não pensaram n'isto ou não o quizeram pôr em pratica e a sua pudica ignorancia, talvez, venha a ser mais tarde, a causa da doença, da fraqueza e quem sabe se até algumas vezes, da morte dos seus filhos!

Mas que? fallar d'este assumpto a educandas de um collegio?

Fallar a futuras mães, na maneira de crear e de educar os filhos?

Que escandalo!!!

Do seu vizinho talvez hoje
muitissimo

Importuno.

Chronica ligeira

A quinzena, de que me occupo, só quasi no fim é que deixou de decorrer serena e tranquilla, sem outra nota de ruido, a não ser o eterno clamor contra os vagabundos, segundo uns; bando-leiros, no dizer d'outros; e até *apaches*, á franceza, que afinal, não são mais que triviaes vadios especulando, ao que parece, as algibeiras dos que no seu recreio nocturno mais fortuna assignalam nas tristes pelejas do azar.

Verdade é que, além do pedido irreverente

feito de noite, mais em tom imperativo do que de supplica, uns outros assaltos e até escalamentos se teem dado, de modo a fazer crer que se se não trata já d'uma *quadrilha* devidamente organizada, para ahí se caninha.

Os vadios que por ora se limitam a explorar cautelosamente a coragem dos transeuntes e a aproveitar o mais facil ensejo de penetrar no domicilio alheio e levar consigo o que lhes fizer conta, podem muito bem, á força de impunidade, dado o facil triumpho das suas lucrativas proezas, tomar a serio o seu papel e assim virmos a ter aqui acampada uma grande associação de malfeitores.

Bom é, pois, que a auctoridade policial tome as providencias necessarias, evitando já o que mais tarde pôde ser de difficil remoção. Mas não era só isto o objecto da presente chronica. Tinha d'occupar parte d'ella, sem duvida, mesmo para que se não dissesse, que só aos ouvidos do chronista do *Barcellos-Revista*, não chegava o insistente rumor, das reclamações fragorosas d'alguns periodicos e até d'uma grande parte do publico, mas, enfim, outros echos, sinistramente ruidosos, acordoram a monotonia local, na ultima phase da quinzena e para ella devo voltar a minha attenção, o que é bem natural, visto denunciarem uma serie d'occorrencias tragicas, que não são muito d'habito por estes sitios.

Agora, porém, ha a registar nada menos que — uma morte por meio de tiro de revolver, em Middões; ferimentos graves, tambem por tiro d'arma de fogo, em Barqueiros; duas tremendas *lareias* de serias consequencias: e uma queda fatal a um ribeiro, que occasionou morte instantanea. Saffa! Dir-se-hia que mysterioso algoz andou brandindo implacavel colera n'esta pacata região, que rara vez se sente alarmada por um ou outro acontecimento d'esta ordem.

Foi um verdadeiro vendaval de desgraças. Em quanto as revoluções sismicas aterram e os temporaes amedrontam lá por fóra, cá no nosso concelho, é a rajada sinistra do crime ou a lufada temivel d'uma casualidade horrida, que sobre maneira apavoram.

Má quadra, tanto mais que vac pureada por enfadonho inverno portador d'um tal *taró*, que custa a supportar.

Deus a leve depressa e dê aos homens os sentimentos de bondade, de que parece andarem muito afastados. E porque? Porque quasi não ha escolas.

Convento de S. Salvador de Villar

O convento de S. Salvador de Villar foi fundado por S. Martinho Dumiense, natural da Pannónia (Hungria), quando veio para a península prérgar a fé aos suevos.

S. Martinho foi bispo de Dume (556-570) e depois de Braga (570-580), o 7.º na serie chronologica dos prelados bracarenses, fundando este convento no anno de 566, sob a regra benedictina.

Pela invasão dos arabes, ficou o convento de Villar inteiramente arruinado, até que em 1070 foi restaurado, ou, melhor, fundado de novo por D. Godinho Viegas, filho de D. Egas Gozendes, e este 3.º neto de D. Arnaldo de Baião, progenitor dos senhores da casa de Azevedo, na freguezia de S. Salvador da Lama.

A instancias de D. Pedro Salvadores, descendente do referido D. Godinho, el-rei D. Sancho 1.º coutou o convento de Villar, por carta passada em Santarem a 3 de janeiro de 1210, concedendo-lhe muitas exempções e privilegios.

Os senhores da casa solar de Azevedo foram sempre grandes protectores d'este convento, e por este motivo tiveram n'elle muitas regalias. Ainda hoje se veem duas cadeiras no côro, com a aguia dos Azevedes, em que elles se assentavam quando o visitavam.

Com o decorrer do tempo, o convento foi entrando em decadencia, até que foi abandonado.

Passou, por isso, a abbadia secular, administrada por commendatarios e provida pelos arcebispos de Braga.

No principio do seculo XV, o velho convento benedictino achava-se em misero estado. A igreja reduzida a um pequeno e pobre templo e o mosteiro a uma pequena casa, e tudo em ruinas.

Vagando esta abbadia em 1425, deu-a o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1418-1467) ao famoso medico e lente da Universidade de Lisboa, Dr. João Vicente, mais conhecido pelo nome de Mestre João, collando-o n'ella no dia 25 de fevereiro do mesmo anno.

O Dr. João Vicente era natural de Lisboa, onde nasceu em 2 de março de 1380, sendo seus paes Estevam Maceira e D. Maria Ponce.

Foi medico de el-rei D. João 1.º ou de seu filho e successor D. Duarte, e physico-mór do reino.

A este sabio medico, pertence a gloria de, aproveitando as ruinas do velho cenobio benedictino,

fundar o novo convento de S. João Evangelista de Villar, que foi o primeiro dos novos conventos que esta congregação teve em Portugal.

Historiemos rapidamente a fundação d'esta ordem monachal.

Ahi por 1420, viviam em Lisboa tres sacerdotes de grande illustração e raras virtudes. Eram elles: o Dr. João Vicente, de que acima nos occupamos, Martim Lourenço, doutor em theologia pela Universidade de Lisboa, e D. Affonso Nogueira, doutor *in utroque jure* pela Universidade de Bolonha.

Costumavam elles reunir-se em casa do seu commum amigo Lourenço Annes, prior de S. Julião de Lisboa, outro sacerdote de vida austera, e ahi não só se entregavam ao exercicio de praticas religiosas, mas conversavam tambem sobre a desmoralisação da sociedade e especialmente do viver desregado e escandaloso do clero d'esse tempo.

No louvavel empenho de combater este desregamento de costumes, resolveram um dia deixar os commodos e o bulicelo da côrte e ir missionar pelo reino.

Foi o Dr. João Vicente o primeiro que se resolveu a deixar o mundo, vestindo o habito de S. Domingos, no convento de Bemfica; mas bem depressa o abandonou, por ser seu intento concorrer para a reformação do clero pela fundação de um novo instituto religioso.

Com este proposito, reuniu-se aos seus amigos Dr. Martim Lourenço, D. Affonso Nogueira e ao prior de S. Julião, e foram para a freguesia de Nossa Senhora dos Olivaes, nas proximidades de Lisboa, cujo prior os recebeu com grande contentamento, offerecendo-lhes a sua igreja e casa, onde se lhes associaram mais alguns ecclesiasticos de vida exemplar, como Joanne Joannes, João Rodrigues, e, pouco depois, Affonso Amado, Rodrigo Annes e Martim João.

Foi isto pelos annos de 1421.

Ahi se demoraram algum tempo, prérgando e doutrinando o povo, que os adorava, até que, por divergencias com o prior dos Olivaes, foram obrigados a abandonar a freguesia.

O prior de S. Julião regressou á sua igreja; seu irmão Joanne Joannes foi viver com os eremitas da Serra d'Ossa e os restantes voltaram ás suas occupações.

Firmes no seu proposito, ficaram apenas D. Affonso Nogueira, Dr. Martim Lourenço, João Rodrigues e o Dr. João Vicente, que em 1423 partiram para o Porto.

Era então bispo d'esta cidade D. Vasco, prelado de grande virtude e auctoridade, que os recebeu carinhosamente e lhes deu a igreja de Santa Maria de Campanhan, onde se installaram e proseguiram na vida penitente que tiveram nos Olivaeas.

Novas contrariedades, porém, aqui os esperavam. Sendo transferido pouco tempo depois o bispo D. Vasco, para a diocese de Evora, o prior de Campanhan não os consentiu por mais tempo na sua igreja, ordenando-lhes que se retirassem.

Foi grande o desgosto do Dr. João Vicente ao apartar se dos seus amigos mais intimos, como Martim Lourenço e D. Affonso Nogueira, embora ambos lhe promettessem voltar para a sua companhia, logo que se lhe deparasse morada mais permanente.

Martim Lourenço retirou-se para uma ermida nos arrabaldes do Porto, e D. Affonso Nogueira para casa da sua familia. Com o Dr. João Vicente ficou apenas João Rodrigues, e ambos, persistindo no seu bom proposito, partiram para Braga, onde se apresentaram ao arcebispo D. Fernando da Guerra, que os recebeu benignamente, hospedando-os no seu proprio paço e prometendo-lhes a mais decidida protecção para a realisação do seu intento.

Effectivamente, vagando pouco tempo depois a abbadia de S. Salvador de Villar, mandou o arcebispo que o Dr. João Vicente a fôsse vêr, e que se lhe agradasse o local, nenhuma duvida teria em provê-lo n'ella.

Partiu então o Mestre Vicente para Villar; e não obstante do velho convento beneditino restar apenas uma pequena igreja e umas pobres casas, tudo em completa ruina, e sem outros rendimentos mais que os passaes, agradou-se tanto do local, achou-o tão adquado ao fim a que se propunha, que solicitou o beneficio.

D. Fernando da Guerra deu-lhe então o velho convento e igreja, collando-o, como dissemos, no dia 25 de fevereiro de 1425.

De posse da Abbadia de Villar, o Dr. João Vicente deixou ahi o seu companheiro e amigo João Rodrigues, e partiu para Lisboa a chamar os seus antigos congregados, e pela segunda vez o seguiram D. Affonso Nogueira, Lourenço Annes, Rodrigo Amado, Martim João, Affonso Pedro e Martim Lourenço.

Ahi renovaram logo os santos exercicios que tão dedicadamente e com tanta abnegação haviam iniciado nos Olivaeas e em Campanhan.

Discorriam esmolando, prégando e confessando pelas terras circumvizinhas, grandes e pequenas, incluindo Barcellos, Braga, Guimarães e Porto.

Vizitavam as cadeias, confortando os prezos e repartindo com elles tudo o que o povo lhes dava; pregavam nas igrejas, nas praças, nos campos e largos publicos, e o povo corria em montão a ouvir-os, principalmente quando prégava o Dr. Martim Lourenço, que era orador distinctissimo.

Foi tal a fama de virtude que estes congregados conquistaram dentro de breve tempo em toda a provincia, que as pessoas mais notaveis d'ella se offereciam para os auxiliar no seu santo emprehendimento, e foram muitos os ecclesiasticos notaveis que se lhe associaram, como Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, Gonçalo Dias de Barros, abbade de S. Pedro de Calvello, João Affonso, abbade de S. Paio de Middões, Diogo Affonso, abbade de S.^{ta} Maria de Goios, e outros, que, renunciando seus beneficios no convento, n'elle se recolheram, com o que muito prosperou a nascente congregação de Villar.

Os monges vestiam habitos pobres de estameinha, faziam votos de pobreza, castidade e obediencia, resavam as horas canonicas em côro e trabalhavam no grangeio da cêrca e nas obras do convento.

O seu primitivo estatuto foi-lhes dado pelo Dr. João Vicente, que era o seu prelado e superior, e tão notorias foram as virtudes d'estes congregados que o povo os designava pelo nome de *Bons homens de Villar*.

(Continua)

Ao nosso distincto collaborador, o ex.^{mo} snr. Dr. Rodrigo Velloso, e a sua ex.^{ma} Familia, endereçamos sentimos pesames pela morte de seu illustre filho, o snr. José Evaristo Sarmiento Velloso,

EXPEDIENTE

Por falta de espaço deixamos de publicar as *Ephemerides* e alguns artigos que irão no proximo numero.

—Ainda compramos os n.^{os} 1, 2, 3, 4 e 7 do *Barcellos-Revista*.

A quem não faça collecção, pedimos o favor de nol-os vender.